

A Linguagem Gestual

TYLOR, Edward Burnett. [1865]. The gesture-language. In: **Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization**. Second edition. London: John Murray, Albemarle Street. 1870, p. 14-33.

Edward Burnett Tylor

Tradutor: Tarcísio de Arantes Leite, César Augusto de Assis Silva , Marcos Baliero, Eliseu Frank de Araújo, Bernard César Guerrieri, Jacqueline Moraes Teixeira , José Agnello Alves Dias de Andrade e Lígia Maria Venturini Romão



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1726>

DOI: 10.4000/pontourbe.1726

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Edward Burnett Tylor, « A Linguagem Gestual », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1726> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1726

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

A Linguagem Gestual

TYLOR, Edward Burnett. [1865]. The gesture-language. In: **Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization**. Second edition. London: John Murray, Albemarle Street. 1870, p. 14-33.

Edward Burnett Tylor

Translation : Tarcísio de Arantes Leite, César Augusto de Assis Silva , Marcos Baliero, Eliseu Frank de Araújo, Bernard César Guerrieri, Jacqueline Moraes Teixeira , José Agnelo Alves Dias de Andrade and Ligia Maria Venturini Romão

EDITOR'S NOTE

Revisão técnica de André Xavier (FFLCH-USP) e Rita Amaral (NAU-USP).

- 1 O poder que o homem possui de enunciar seus pensamentos é um dos elementos mais essenciais de sua civilização. Se o homem pode pensar sem o recurso de alguma expressão exteriorizadora é uma questão metafísica que não precisa ser discutida aqui. Assim, dificilmente seria negado por qualquer pessoa que o poder de enunciação do homem, que excede em muito qualquer outro que os animais inferiores possuam, é uma das principais causas de sua imensa preeminência sobre eles.
- 2 Dos meios que o homem tem para enunciar ou expressar aquilo que está em sua mente, a fala é, de longe, o mais importante. Tanto que quando falamos sobre enunciar nossos pensamentos, entende-se com essa frase que queremos dizer expressá-los em palavras. Mas quando dizemos que o poder de enunciação do homem é uma das grandes diferenças entre ele e os animais inferiores, devemos acrescentar à palavra enunciação um sentido mais compatível com sua etimologia. Como admite Steinthal (1851, p. 904), o homem surdo-mudo é uma refutação viva da proposição de que o homem não pode pensar sem a fala a menos que aceitemos que a conhecida noção de fala, como a enunciação do pensamento por meio de sons articulados, seja restrita demais. Enunciar um pensamento é, literalmente, colocá-lo para fora de nós, assim como expressá-lo significa espremer

para fora. Por mais grosseiras que essas metáforas sejam, elas são os melhores termos que possuímos para esse processo maravilhoso através do qual o homem pode, por meio de alguma ação corporal, não apenas fazer com que as mentes de outros homens reproduzam com relativa precisão o que se passa em sua própria mente, mas, também, receber de volta, do signo exterior, uma impressão similar à deles, ainda que tenha sido realizada por outrem e não por si próprio.

- 3 Além da fala articulada, os principais recursos por meio dos quais o homem pode expressar o que está em sua mente são a linguagem gestual, a escrita pictórica e a escrita por palavras. Se soubéssemos hoje o que esperamos saber um dia, por exemplo, como a língua emergiu e se desenvolveu no mundo, nosso conhecimento da condição e da história primitivas do homem se colocaria numa base muito diferente daquela em que está agora. Mas sabemos tão pouco sobre a origem da língua, que até mesmo os grandes filólogos são forçados ou a evitar a questão completamente, ou se tornarem metafísicos para poder discuti-la. A linguagem gestual e a escrita pictórica, contudo, por mais insignificantes que sejam na prática em comparação com a fala e a escrita fonética, merecem ser seriamente consideradas, tendo em vista que, realmente, podemos entendê-las de modo tão pleno quanto entenderíamos qualquer outra coisa e que, ao estudá-las, podemos nos dar conta em alguma medida da condição da mente humana que subjaz a tudo que tem sido traçado até agora; inclusive no dialeto mais inferior da língua, se tomada como um todo. Embora não possamos dizer nesse momento como é que o homem chegou a se expressar por meio de palavras - com exceção de palavras nas quais podemos traçar os efeitos da emoção direta, como nas interjeições, ou da formação imitativa, como em “piui” e “cuco” -, podemos ao menos ver como ele ainda se expressa por sinais e figuras e, assim, ter uma idéia sobre a natureza desse grande movimento que nenhum animal inferior parece ter feito, ou dado qualquer sinal de fazê-lo. A ideia de que a linguagem gestual representa uma etapa distinta e separada da enunciação humana pela qual o homem passou antes que viesse a falar não encontra suporte em fatos. Mas pode-se, plausivelmente, sustentar que nos primeiros estágios do desenvolvimento da língua, quando o vocabulário era ainda muito simples e escasso, o gesto tinha uma importância como elemento de expressão que em uma língua altamente organizada acabou se perdendo.
- 4 A linguagem gestual, ou linguagem de sinais é, em grande parte, um sistema que representa objetos e ideias por meio de um esboço gestual simples que imita suas características mais marcantes. Trata-se de “uma linguagem pictórica”, como foi bem dito por um homem surdo-mudo. Aqui, a diferença essencial entre a linguagem gestual e a fala fica evidente. A razão pela qual as palavras estar e ir significam o que elas significam é uma questão de cuja resposta ainda não podemos sequer nos aproximar, pois se tivéssemos sido ensinados a dizer “ficar” no lugar do que agora chamamos de “ir”, e “ir” no lugar de “ficar”, seria praticamente o mesmo para nós. Sem dúvida, houve alguma razão para essas palavras terem recebido os significados que agora possuem, da mesma maneira que, de fato, há razões para tudo; mas, no que nos diz respeito, pode também não ter havido qualquer razão, já que perdemos de vista, consideravelmente, a conexão entre a palavra e a ideia. Contudo, na linguagem gestual, a relação entre a ideia e o sinal não apenas existe mas dificilmente pode ser perdida de vista em qualquer momento. Quando uma criança surda-muda mantém seus dois primeiros dedos posicionados para baixo como duas pernas e os faz ficar de pé e andar sobre uma mesa, não precisamos que nos ensinem o que isso significa e nem por que isso é feito.

- 5 Essa definição da linguagem gestual, contudo, não está completa. Os objetos que, de fato, estão na presença do falante, ou que poderiam estar, são trazidos corporalmente à conversação por meio do toque, do apontamento, do olhar direcionado a eles, para indicar os próprios objetos ou uma de suas características. Assim, se um surdo-mudo toca seu lábio inferior com seu dedo indicador, o contexto deve decidir se ele deseja indicar o próprio lábio ou a cor “vermelha”, a menos que, como às vezes acontece, ele mostre, segurando de fato o lábio com o indicador e o polegar, que é ao próprio lábio, e não à sua qualidade, a que ele quer se referir. Sendo assim, tanto “desenhos feitos no ar” quanto coisas que são trazidas à mente pelo apontamento real, constituem a linguagem de sinais.
- 6 É nas Instituições de Surdos-Mudos que a linguagem gestual pode ser mais convenientemente estudada. O pequeno conhecimento prático que tenho dessa linguagem foi conseguido dessa forma, na Alemanha e na Inglaterra. Nessas instituições, contudo, há sinais gramaticais usados na linguagem gestual que, na verdade, não pertencem a ela. São sinais na maioria das vezes adaptados, ou talvez inventados, por professores que faziam uso da fala, para expressar ideias que não são abarcadas pelo escopo da gramática natural e do dicionário bastante limitados dos surdos-mudos. Mas deve ser observado que embora os surdos-mudos tenham sido ensinados a compreender esses sinais e a usá-los na escola, eles os ignoram na fala cotidiana e, se pudessem, não fariam qualquer uso deles.
- 7 Por meio da instrução os surdos-mudos podem ser ensinados a comunicar seus pensamentos e aprender com os livros e os homens de maneira bastante próxima da que fazemos, embora num grau mais limitado. Eles aprendem a ler, a escrever, a soletrar sentenças com o alfabeto manual e a entender palavras soletradas por outros da mesma maneira. Além disso, eles podem ser ensinados a falar em língua articulada, embora com uma voz rouca e sem modulações, e a seguir os movimentos dos lábios quase como se eles pudessem ouvir as palavras enunciadas quando outra pessoa fala.
- 8 Deve ser destacado aqui, de uma vez por todas, que o público em geral confunde a verdadeira linguagem de sinais dos surdos-mudos, na qual os objetos e as ações são expressos por gestos pantomímicos, com o alfabeto manual dos surdos-mudos, que é um mero substituto para a escrita alfabética. Não basta dizer que as duas coisas são distintas; elas não têm absolutamente nada a ver uma com a outra e têm tão pouca semelhança quanto uma figura teria em relação à sua descrição escrita. Embora seja de pouco interesse científico, o alfabeto manual é de grande utilidade prática. Parece que ele foi inventado na Espanha, país a que o mundo deve o primeiro ensino sistemático de surdos-mudos, por Juan Pablo Bonet (1620, p. 123) - em cujo trabalho o alfabeto que utiliza uma só mão é lançado, diferindo um pouco deste que agora está em uso na Alemanha -, ou talvez por seu predecessor, Pedro de Ponce. O alfabeto francês, ou aquele que utiliza as duas mãos, em geral usado na Inglaterra, é mais recente (Schmalz, 1848, p. 214, 352).
- 9 A língua materna (por assim dizer) dos surdos-mudos é a linguagem de sinais. A evidência dos melhores observadores tende a provar que eles são capazes de desenvolver a linguagem gestual de suas próprias mentes sem a ajuda dos homens falantes. De fato, os surdos-mudos, em geral, superam o resto do mundo em sua capacidade de usar e compreender sinais; e é por essa simples razão que, embora a linguagem gestual seja propriedade comum de toda a humanidade, ela raramente é desenvolvida e cultivada em grau tão elevado pelos que fazem uso da fala quanto o é por aqueles que não podem falar e devem, portanto, recorrer a outros meios de comunicação. As opiniões de dois ou três especialistas podem ser citadas para mostrar que a linguagem gestual não é como o

alfabeto manual, uma arte que se aprende no primeiro momento com um professor. É um processo independente que tem origem na mente do surdo-mudo e se desenvolve com a expansão de seu conhecimento e poder de racionalização, através da instrução.

- 10 Samuel Heinicke, fundador do ensino para surdos-mudos na Alemanha, destaca: “Ele (o surdo-mudo) prefere manter-se fiel à sua pantomima, que é simples e direta e que para ele é tão natural quanto uma língua materna” (1778, p. 56). Schmalz (1848, p. 267) diz:

Os muitos sinais que não usamos no dia-a-dia, mas que uma criança surda-muda usa, não tendo ela outro meio de comunicação com os outros que não seja por sinais, não são menos compreensíveis. Esses sinais consistem, principalmente, em desenhar no ar a forma dos objetos a serem sugeridos para a mente, indicando a sua qualidade, imitando o movimento do corpo em uma ação a ser descrita, ou o uso de uma coisa, sua origem, ou qualquer outra de suas peculiaridades notáveis.

- 11 Em relação aos sinais, diz o Dr. Scott (1844, p. 84) de Exter:

a criança [surda-muda] já terá provavelmente fixado os sinais pelos quais ela dá nome à maioria dos objetos citados na lição anterior (alfinete, chave, etc), e que ela usa na comunicação com seus amigos. Esses sinais devem ser conservados na memória (pela família da criança) e se uma palavra não tiver recebido um sinal é preciso que a criança se empenhe em fixar um. Ela provavelmente fará isso melhor do que você.

- 12 O Abade Sicard, um dos primeiros e mais eminentes homens a devotar sua vida à educação e “humanização” dessas criaturas afligidas, tem o mesmo depoimento a dar. Diz ele:

Não sou eu que devo inventar esses sinais. Eu tenho apenas que expor a teoria sob a ordem de seus verdadeiros inventores, aqueles cuja língua consiste nesses sinais. Cabe aos surdos-mudos fazê-los e, a mim, dizer como são feitos. Os sinais devem ser formulados a partir da natureza dos objetos que eles devem representar. São apenas os sinais dados pelo próprio surdo-mudo para expressar as ações que ele testemunha e os objetos que estão à sua frente que podem substituir a linguagem articulada.

- 13 Falando do seu célebre pupilo surdo-mudo, Massieu, ele diz:

Assim, por meio de uma troca bem-sucedida, eu o ensinei os sinais escritos da nossa língua e Massieu me ensinou os sinais mímicos da língua dele (...). Portanto, deve ser dito que nem eu e nem meu admirável professor - o Abade de L'Épée - somos os inventores da língua de sinais. Da mesma maneira que não cabe a um estrangeiro ensinar a língua francesa a um francês, o homem que fala não tem direito de intervir na invenção de sinais, dando-lhes valores abstratos (Sicard, 1800, p. xlv 18 c2).

- 14 Todas essas afirmações são modernas, mas muito tempo antes da existência de Instituições para surdos-mudos, o olhar perspicaz de Rabelais já havia notado o quão natural e apropriado eram os sinais espontâneos feitos pelos surdos-mudos de nascença. Quando Panurge quer saber, através da adivinhação de sinais, como será a sua vida de casado, Pantagruel o aconselha – “*Pourtant, vous fault choisir ung mut sourd de nature, affin que sés gestes vous soyent naïvement prophetiques, non faindez, fardez, ne affectez*”¹.

- 15 Também não devemos depender de observações feitas por falantes comuns para compreendermos como a linguagem gestual se desenvolve na mente dos surdos-mudos. Os surdos-mudos instruídos podem nos dizer por experiência própria qual a origem dos sinais gestuais. O relato a seguir é dado por Kruse, surdo-mudo, bem conhecido professor de surdos-mudos e autor de diversas obras de grande competência.

- 16 Assim, o surdo-mudo precisa ter uma língua, sem a qual não existe transmissão de ideias. Mas, aqui, a natureza vem em seu auxílio. O que o impressiona mais, ou o que o faz distinguir entre uma coisa e outra, esses sinais característicos de objetos, são ao mesmo tempo os sinais pelos quais ele conhece esses objetos e os reconhece; eles se tornam símbolos das coisas. E embora ele elabore, silenciosamente, os sinais que descobriu para objetos isolados, isto é, embora descreva suas formas para si mesmo no ar ou as imite em seu pensamento com mãos, dedos e gestos, ele desenvolve por si mesmo sinais apropriados a representar ideias, que lhe servem como meio de fixar diferentes tipos de ideias em sua mente e trazê-las à sua memória. Desse modo, ele faz sua própria linguagem, a chamada linguagem gestual (*Geberden-sprache*); e com esses poucos sinais, escassos e imperfeitos, um caminho para o pensamento se abre; e à medida que o pensamento se desdobra, a linguagem se desenvolve e se constitui cada vez mais (Kruse, 1853, p. 51).
- 17 Agora vou relatar algumas observações sobre o dialeto particular (por assim dizer) da linguagem gestual, de uso comum na Instituição para Surdos-Mudos em Berlim². Compilei uma lista de 500 sinais com a ajuda de meu professor, Carl Wilke, que é surdo-mudo. Fala-se na existência de 5.000 sinais mais usados na Instituição, mas a minha lista contém os mais importantes. Primeiramente, no que diz respeito aos próprios sinais, os apresentados a seguir, escolhidos aleatoriamente, darão uma idéia do princípio geral pelo qual todos são formados.
- 18 Para representar os pronomes “eu, tu, ele”: aponto o meu dedo indicador para a boca do meu estômago, para “eu”; aponto o meu dedo para a pessoa a quem vou me dirigir, para “tu”; aponto o meu polegar por cima do meu ombro direito, para “ele” e assim por diante.
- 19 Quando eu mantenho a minha mão direita aberta com a palma para baixo na altura da minha cintura e levanto-a até a altura do meu ombro isso significa “grande”; mas se eu abaixar a mão ao invés de levantá-la, significa “pequeno”.
- 20 O sinal para “homem” é o movimento de tirar o chapéu; o de “mulher” é a mão fechada colocada sobre o peito; para “criança”, o cotovelo direito é balançado pela mão esquerda. O advérbio “aqui” e o verbo “vir” têm o mesmo sinal: mover o dedo em direção a si mesmo, fazendo um chamado.
- 21 Manter o dedo indicador e o do meio afastados como uma letra V e movê-los dos olhos para fora significa “ver”. Tocar a orelha e a língua com o dedo indicador são, respectivamente, “ouvir” e “sentir o gosto”. Qualquer que seja a coisa a ser apontada, o dedo indicador, como o próprio nome sugere, deve apontar ou indicar.
- ... atque ipsa videtur
Protrahere ad gestum pueros infantia linguae
Cum facit ut digito quae sint praesentia monstrent (Lucretius, p.1030-1032)³.
- 22 “Falar” é mover os lábios como se estivesse falando (todos os surdos-mudos aprendem a articular palavras no Instituto de Berlim) e, por sua vez, mover os lábios enquanto o dedo indicador se move da boca para fora é “nome” ou “nomear”, como se significasse “indicar pela fala”.
- 23 O contorno do formato do telhado e das paredes feito no ar com as duas mãos é “casa”; com um telhado reto é “quarto”. Cheirar, como se estivesse cheirando uma flor, e com as duas mãos fazer um círculo horizontal diante dessa flor é “jardim”.

- 24 Pinçar um pedaço de pele do dorso da mão é “carne” (humana e animal). Faça vapor saindo dela com o dedo indicador e o sinal se torna “carne assada”. Faça um bico de ave com dois dedos a frente da boca e bata os braços para “ganso”. Se for precedido pelo sinal anterior, teremos “ganso assado”. Como são naturais todos esses sinais imitativos! Eles não requerem nenhuma explicação elaborada. Aprender o contorno mais notável de um objeto, o movimento principal de uma ação, esse é o segredo e é isso que o selvagem mais grosseiro faz sem ser ensinado e, mais ainda: pode fazê-lo melhor e com mais facilidade do que qualquer homem instruído. Disse o diretor da Instituição:
- Nenhum de meus professores que pode falar tem grande habilidade com a linguagem gestual. É difícil para um falante instruído ter proficiência naquilo que uma criança surda-muda atinge quase sem esforço. É verdade que eu consigo fazê-lo perfeitamente; mas eu estou aqui há quarenta anos e tive como meta, desde o início, dominar a fundo essa língua. Saber falar é um empecilho, não uma ajuda, no aprendizado da linguagem gestual. O hábito de pensar em palavras e traduzi-las em sinais é difícil de abandonar; mas até que isso seja feito é praticamente impossível ordenar os sinais na seqüência lógica em que eles se arranjam na mente do surdo-mudo.
- 25 É claro que, quando coisas novas são notadas pelos surdos-mudos, novos sinais surgem, imediatamente, para elas. Desse modo, para expressar “ferrovia” e “locomotiva”, a mão esquerda faz uma chaminé e o vapor saindo quase que horizontalmente é imitado com o indicador direito. As pontas dos dedos da mão parcialmente fechada, indo em direção à própria pessoa como se fossem raios de luz, significa “fotografia”.
- 26 No entanto, um mero observador que fosse registrar todos os sinais que viu serem usados por mestres e pupilos nas salas de aula seria levado a ter uma idéia muito errada de sua natureza. Professores de surdos-mudos consideraram apropriado, para fins práticos, não apenas usar o desenvolvimento independente da linguagem de sinais, mas, também, fazer acréscimos a ela e remendá-la, de modo a torná-la equivalente, de maneira mais rigorosa, às suas próprias fala e escrita. Para esse propósito, sinais têm que ser introduzidos para muitas palavras cujo significado os alunos aprendem principalmente pelo seu uso na escrita, sendo ensinados a usar um sinal no lugar da palavra. Os punhos fechados firmemente, direcionados à frente com os polegares levantados, significa “ainda”. Mover os dedos levemente abertos, saindo da têmpora, significa “quando”. Mover as mãos fechadas com os polegares para fora, para cima e para baixo, sobre o colete é “ser/estar”. É verdade que todos esses sinais podem ser baseados em gestos naturais. Dr. Scott, por exemplo, explica o sinal “quando” como tendo sido formado dessa maneira. Mas este tipo de derivação não faz com que esses sinais mereçam ser incluídos na linguagem gestual pura e, realmente, não parece que faria muita diferença para as crianças se o sinal para “quando” fosse usado para “ainda” e assim por diante.
- 27 O Abade Sicard deixou-nos um volumoso relato da linguagem de sinais que usava, a qual pode servir como um exemplo dos curiosos sistemas híbridos que se desenvolvem dessa maneira, pela junção da gramática e do dicionário de inglês, de francês ou alemão, com a linguagem gestual. Sicard ficou fortemente impressionado com a necessidade de usar os sinais naturais e, talvez, até mesmo seus sinais mais arbitrários tenham sido baseados neles. Mas ele se propôs a conseguir que os gestos fizessem tudo o que uma palavra pode fazer e, por conta disso, era, frequentemente, levado a elaborar adaptações estranhas. Contudo, por ter ele se baseado tão diretamente em seus alunos surdos-mudos, ou mesmo por ter sido benucedido em aprender a pensar como eles, é muito difícil dizer onde, exatamente, entra a influência da linguagem falada ou escrita. Por exemplo: os surdos-

mudos tomam emprestado os sinais de espaço para expressar noções de tempo, como fazemos com palavras; Sicard, atendo-se a esses sinais reais e usando-os com um grau de análise que dificilmente foi alcançado a não ser por meio das palavras, coloca um verbo no presente, indicando “aqui”, com as duas mãos esticadas para fora e com as palmas para baixo; no pretérito, com a mão direcionada para trás do ombro, como em “atrás”; no futuro, colocando a mão à frente, como em “para frente”. Mas quando aplica sua maneira de conjugar a tempos verbais como “eu deveria ter carregado”, ele apenas traduz palavras por sinais mais ou menos apropriados. Novamente, com o auxílio dos dois dedos indicadores enganchados – para expressar, imagino, a noção de dependência ou conexão – ele distingue *moi* e *me e*, ao traduzir dois termos gramaticais abstratos de palavras para sinais, introduz uma outra concepção que é um tanto estranha à linguagem gestual pura. Se o que foi sinalizado é um substantivo, ele coloca a mão direita sob a esquerda para mostrar que aquilo é o que está por baixo. Se é um adjetivo, ele coloca a mão direita por cima, mostrando que é a qualidade que sobressai, ou que é adicionada ao substantivo que está embaixo (Sicard, 1808, p. 562)⁴.

- 28 Esses sistemas, em parte artificiais, são, provavelmente, muito úteis no ensino, mas não são a linguagem gestual real e, além disso, o elemento estranho tão laboriosamente introduzido parece ter pouco poder para manter seu posto. Pelo que pude aprender, poucos ou nenhum dos sinais gramaticais artificiais poderão suportar até mesmo a curta viagem da sala de aula ao parquinho, onde já não existem os verbos “ser” e “estar”, onde as conjunções abstratas são desconhecidas e onde a simples posição, qualidade e ação podem servir para descrever tanto o substantivo como o adjetivo.
- 29 Em Berlim, como em todas as instituições para surdos-mudos, há muitos sinais que não seriam entendidos fora dos limites do círculo em que são utilizados, por mais naturais que sejam. São sinais que indicam um objeto por meio de uma peculiaridade acidental e são mais epítetos que nomes. Meu professor surdo-mudo, por exemplo, era conhecido entre as crianças pela ação de cortar fora o braço esquerdo com a mão direita. A razão para esse sinal não era algo em particular a respeito de seu braço, mas o fato de ele ter vindo de Spandau e, por acaso, uma das crianças havia estado em Spandau, onde viu um homem com apenas um braço. Daí o epíteto “sem-um-braço” ter sido adotado para designar todos os nativos de Spandau, e o professor em particular. Ainda, a Residência Real de Charlottenburg foi nomeada pelo ato de levantar o joelho esquerdo e embalá-lo, aparentemente em alusão ao último rei coroado nessa região sofrer de gota.
- 30 Da mesma maneira, as crianças preferiam indicar países estrangeiros por algum epíteto característico, ao invés de soletrar seu nome com os dedos. Assim, aludia-se prontamente à Inglaterra e aos ingleses pela ação de remar um barco e sinais de decapitação e de estrangulamento eram usados para descrever a França e a Rússia, em alusão às mortes de Luís XVI e do imperador Paulo, eventos que parecem ter impressionado as crianças surdas-mudas como os mais marcantes na história desses dois países. Esses sinais têm interesse muito maior que os símbolos gramaticais, os quais podem ser mantidos em uso apenas pela ação de, por assim dizer, forças maiores. Mas eles também nunca se inserem no corpo geral da linguagem e não são permanentes nem mesmo no lugar em que surgem. Eles morrem quando se passa de um grupo de crianças a outro e novos sinais surgem em seus lugares.
- 31 A linguagem gestual não possui uma gramática propriamente dita. Não conhece inflexões de nenhum tipo; não mais do que o chinês. O mesmo sinal representa “andar”, “andas”,

“andando”, “andado”, “andante”. Adjetivos e verbos não são distinguidos facilmente pelos surdos-mudos:

“cavalo-preto-belo-trote-galope” seria a tradução grosseira dos sinais por meio dos quais um surdo-mudo afirmaria que um belo cavalo preto trota e galopa. De fato, a aplicação de nosso elaborado sistema de partes da fala à linguagem gestual é bastante limitada, ainda que, como será discutido de maneira mais completa em outro capítulo, talvez seja possível traçar na linguagem falada, um dualismo que se assemelha, em alguma medida, ao da linguagem gestual, com suas duas partes constitutivas: a evocação de objetos e ações factuais e a simples sugestão deles pela imitação.

- 32 Essa linguagem possui, entretanto, uma sintaxe, digna de um exame cuidadoso. A sintaxe dos falantes difere de acordo com a língua que eles aprendem: “*equus niger*”, “*a black horse*”; “*hominem amo*”, “*j’aime l’homme*”. Mas o surdo-mudo amarra os sinais das várias ideias que deseja conectar no que parece ser a ordem natural em que elas se sucedem em sua mente, pois essa ordem é a mesma entre os mudos de diferentes países e é inteiramente independente da sintaxe que talvez pertença à língua de seus amigos falantes. Por exemplo, a construção mais comum entre os surdos-mudos não é “*black horse*”, mas “*horse black*”; não é “*bring a black hat*”, mas “*hat black bring*”; não é “*I am hungry, give me bread*”, mas “*hungry me bread give*”⁵. A independência essencial da linguagem gestual pode, certamente, ser trazida muito claramente à vista observando-se que falantes instruídos, ao iniciarem a aprendizagem da linguagem de sinais, não chegam naturalmente ao uso de sua sintaxe correta. Em vez disso, organizam seus gestos na ordem das palavras em que pensam, fazendo sentenças desprovidas de significado, ou enganosas, para o surdo-mudo, a menos que ele possa reverter o processo, traduzindo os gestos em palavras e considerando o que tal frase escrita significaria. Certa vez, ao ir a uma escola para surdos-mudos e designar um garoto para escrever palavras na lousa, desenhei no ar o contorno de uma tenda e toquei a parte interna de meu lábio inferior para indicar “vermelho”, e o garoto escreveu, como seria de se esperar, “uma tenda vermelha”. O professor observou que eu não parecia ser um iniciante na linguagem de sinais, caso contrário eu teria traduzido meu pensamento em inglês verbatim e teria colocado o “vermelho” antes.
- 33 O princípio fundamental que regula a ordem dos sinais dos surdos-mudos parece ser aquele enunciado por Schmalz (1848, p. 274):
- Aquilo que lhe parece o mais importante ele sempre coloca antes do resto; e aquilo que lhe parece supérfluo deixa de fora. Por exemplo: para dizer, 'Meu pai me deu uma maçã', faz o sinal para 'maçã', depois para 'pai', e para 'eu', sem adicionar o sinal para 'dar'.
- 34 As observações seguintes, enviadas a mim pelo Dr. Scott, parecem concordar com essa visão.
- 35 Considerando as duas frases dadas, 'Eu bati em Tom com um bastão' e 'Tom me bateu com um bastão', a seqüência na introdução das partes dependeria, em alguma medida, da parte para qual se desejava atrair mais atenção. Se uma simples narração do fato fosse necessária, minha opinião é que ela seria ordenada como, 'eu-Tom-bateu-um-bastão', e a forma passiva de maneira similar, mudando Tom para o início. Mas essas frases geralmente não são ditas pelos surdos-mudos sem que eles tenham se interessado pelo fato, e assim, ao narrá-las, eles primeiro enunciam a parte que estão mais ansiosos por enfatizar ao seu ouvinte. Assim, se um garoto batesse em outro garoto e a parte ferida viesse nos contar, e estivesse desejosa de nos impressionar com a ideia de que

determinado garoto o havia feito, ele apontaria primeiro para o garoto. Mas se estivesse ansioso por atrair a atenção para seu próprio sofrimento, em vez de para a pessoa que o causou, apontaria para si e faria o sinal de bater, em seguida apontaria para o garoto. Ou, se estivesse com vontade de atrair atenção para a causa do sofrimento, deveria sinalizar primeiro o bater e em seguida dizer quem o fez.

- 36 Dr. Scott é, até onde sei, a única pessoa que tentou estabelecer um conjunto de regras definidas para a sintaxe da linguagem gestual (Scott, 1844, p. 53). "O sujeito vem antes do predicado, (...) o objeto antes da ação". Uma terceira construção é comum, embora não necessária, "o modificador depois do modificado". A primeira construção, na qual o cavalo é posto antes de "preto", permite ao surdo-mudo fazer sua sintaxe suprir, até certo ponto, a distinção entre adjetivo e substantivo, a qual seus sinais imitativos não expressam por si mesmos. As outras duas construções estão bem exemplificadas por uma observação do Abade Sicard (1808, p. xxviii):

Um pupilo, a quem um dia coloquei a questão 'Quem fez Deus?' e que respondeu 'Deus fez nada', não me deixou dúvida quanto a esse tipo de inversão, usual para os surdos-mudos, quando continuei a perguntar-lhe: 'Quem fez o sapato?' e ele respondeu 'O sapato fez o sapateiro'.

- 37 Do mesmo modo, quando Laura Bridgman, que era cega, assim como surda-muda, aprendeu a comunicar ideias soletrando palavras com seus dedos, ela dizia "Fechar porta", "Dar livro"; sem dúvida porque aprendera essas frases completas; mas quando fazia frases para si, ela voltava à sintaxe natural dos surdos-mudos e soletrava "Laura pão dar", para pedir pão, e "água beber Laura", para expressar que ela queria beber água (Bridgman, 1845, p. 26)⁶.

- 38 Deve-se observar que há uma parte importante da construção que as regras do Dr. Scott não abrangem: a posição relativa do ator e da ação, o caso nominativo e o verbo. Dr. Schmalz (1848, p. 58, 274) tenta estabelecer uma regra parcial para isto:

Se o surdo-mudo faz a conexão entre o sinal para uma ação e o sinal para dizer que a pessoa fez isso ou aquilo, ele coloca, geralmente, o sinal da ação antes do sinal da pessoa. Por exemplo: para dizer 'Eu tricotei' ele movimenta as mãos como se tricotasse e depois aponta com o dedo indicador para seu peito.

- 39 Assim, também, Heinicke (1778, p. 56) observa que, para dizer "O carpinteiro golpeou-me no braço", ele golpearia a si mesmo no braço, depois faria o sinal de aplainar, como se dissesse "Eu fui golpeado no braço, o homem que aplaina madeira fez isso". Embora essas construções sejam, sem dúvida, corretas por si mesmas, a regra de precedência conforme a importância frequentemente as contraria. Se o surdo-mudo deseja enfatizar não o tricotar, mas a si mesmo, ele provavelmente apontaria primeiro para si. Kruse faz a construção de "O navio navega na água" como a nossa própria, "navio navega água"; e a de "eu preciso ir para cama" como "eu cama ir" (1853, p. 57).

- 40 Um olhar de questionamento converte uma afirmação em pergunta e serve, totalmente, para diferenciar entre "O mestre veio" e "O mestre veio?". Os pronomes interrogativos, "quem?" e "o que?" são feitos através de um olhar ou de um apontamento realizadas de maneira questionadora; na verdade, esses sinais se assemelham a tentativas mal sucedidas de dizer "ser/estar" e "aquilo/aquele(a)". O modo de perguntar da criança surda-muda, "Quem bateu em você?" seria "Você apanhou, quem foi?". Embora seja possível produzir um grande volume de afirmações ou de perguntas simples, de forma a que haja quase um gesto para cada palavra, o concretismo de pensamento que pertence ao surdo-mudo - cuja

mente não foi muito desenvolvida pelo uso da linguagem escrita - e até mesmo alguém instruído quando pensando e enunciando seus pensamentos através dos seus sinais nativos, comumente requer que frases mais complexas sejam rearranjadas. Uma pergunta comum entre nós, como "O que há com você?" seria posta como "Você chorando? Você apanhou?" e assim por diante. A criança surda-muda não pergunta "O que você comeu no jantar ontem?", mas "Você comeu sopa? Você comeu mingau?" e assim por diante. Uma oração conjuntiva é expressa por meio de uma alternativa ou contraste: "Eu deveria ser punido se eu fosse preguiçoso e travesso" seria colocado como "Eu preguiçoso, travesso, não! - preguiçoso, travesso, eu punido, sim!". Obrigação pode ser expressa de forma similar; "Eu devo amar e honrar meu professor" pode ser colocado como "professor, eu bato, engano, resmungo, não! - Eu amo, honro, sim!" Como Steinthal diz em seu admirável ensaio, é apenas a segurança que a fala dá à mente do homem para captar ideias rápidas em todas as suas relações, que o leva aos meios mais curtos de expressar apenas o lado positivo da ideia, dispensando o lado negativo (1851, p. 923).

- 41 O que é expresso pelo caso genitivo, ou uma preposição correspondente, pode ter um sinal distinto de sustentação na linguagem gestual. Os três sinais para expressar "a faca do jardineiro" devem ser a faca, o jardim e a ação de segurar a faca, pressionando-a contra o peito, colocando-a em seu bolso ou algo do tipo. Mas o simples fato de colocar junto o possuidor e o possuído pode atender ao propósito, como é bem demonstrado pela forma como um homem surdo-mudo designa o marido e os filhos da filha de sua esposa fazendo seu testamento por meio de sinais. O relato seguinte foi extraído de *Justice of the Peace*, 1 de Outubro de 1864:

John Geale, de Yateley, pequeno proprietário rural, surdo, mudo e incapaz de ler ou escrever, morreu deixando um testamento, o qual validou colocando sua marca. A legitimação desse testamento foi recusada por Sir J. P. Wilde, Juiz do Tribunal de Sucessões, com base no fato de não haver evidência suficiente de entendimento e consentimento do testador sobre as cláusulas. Posteriormente, Dr. Spinks renovou a moção com base no seguinte depoimento conjunto da viúva e das testemunhas:

Os sinais pelos quais o falecido nos informou que o testamento era o instrumento que trataria de sua propriedade após sua morte e que sua esposa deveria ficar com toda a sua propriedade caso ela ainda estivesse viva, foram em substância, até onde podemos descrever os mesmos pela escrita, como segue, a saber: - O referido John Geale primeiro apontou para o testamento mencionado, depois apontou para si mesmo; então deitou o lado de sua cabeça na palma de sua mão direita com os olhos fechados; em seguida baixou sua mão direita em direção ao chão, com a palma voltada para cima. Estes últimos sinais eram os sinais usuais pelos quais ele se referia a sua própria morte ou ao falecimento de outra pessoa. Ele tocou então o bolso de sua calça (que era o sinal usual pelo qual se referia ao seu dinheiro), olhou tudo ao seu redor e simultaneamente levantou os braços com um movimento circular (esse era o sinal usual para se referir a toda sua propriedade ou todas as coisas). Ele apontou então para a sua esposa e em seguida tocou o dedo anelar de sua mão esquerda, posicionou sua mão direita sobre seu braço esquerdo no cotovelo, sendo estes últimos os sinais usuais para se referir a sua esposa. Os sinais pelos quais o mencionado testador nos informou que sua propriedade deveria passar para a filha de sua esposa, no caso de sua esposa morrer enquanto ele vivesse, eram (...) como segue: - Ele primeiro referiu-se a sua propriedade como fez anteriormente, depois tocou a si mesmo, apontou para o dedo anelar de sua mão esquerda e cruzou o braço como antes (o que indicava sua esposa); deitou um dos lados de sua cabeça na palma da mão direita (com os olhos fechados), o que indicava a

morte de sua esposa; e depois de apontar para a filha de sua esposa, que estava presente quando o referido testamento foi executado, novamente indicou o dedo anelar de sua mão esquerda, depois posicionou sua mão direita sobre o braço esquerdo como antes. Em seguida colocou seu dedo indicador sobre sua boca, imediatamente tocou seu peito e moveu os braços de tal maneira a indicar uma criança, os quais eram seus sinais usuais para indicar a filha de sua esposa. Ele sempre indicava “mulher” cruzando seus braços e “homem” cruzando seus pulsos. Os sinais pelos quais o mencionado testador nos informou que sua propriedade deveria passar para William Wigg (o marido da filha de sua esposa), caso a filha de sua esposa morresse enquanto ele estivesse vivo, eram (...) como segue: ? Ele repetiu os sinais que indicavam a sua propriedade e a filha da sua esposa, depois deitou um dos lados da sua cabeça na palma da sua mão direita com os olhos fechados, e abaixou suas mãos em direção ao chão como havia feito antes (o que significava a morte dela); depois ele repetiu os sinais que indicavam a filha da sua esposa e cruzou o seu braço esquerdo na altura do pulso com sua mão direita, o que significava o marido dela, o mencionado William Wigg. Ele também nos informou, por meio de sinais, que o mencionado William Wigg morava em Londres. O mencionado William Wigg trabalha e é o superintendente do departamento de mercadorias da North-Western Railway Company, em Camden Town. Os sinais pelos quais o mencionado testador nos informou que a sua propriedade deveria ir para os filhos da filha de sua esposa e seu genro, caso eles morressem enquanto ele estivesse vivo, eram (...) como segue, a saber: ? Ele repetiu os sinais que indicavam o mencionado William Wigg e sua esposa e a morte destes antes da dele, e depois colocou sua mão direita aberta a uma distância curta do chão, e a levantou em degraus, como se fosse uma escada, que eram os sinais que indicavam os filhos deles, e depois fez um movimento circular com a mão que indicava que eles deveriam ser acolhidos. O mencionado testador sempre teve grande consideração por essas crianças e era bastante amoroso com elas. Após o testador ter, da maneira supracitada, nos explicado o que ele pretendia por meio de seu mencionado testamento, o referido R.T. Dunnings, por meio dos sinais aludidos e os outros movimentos e sinais pelos quais estávamos acostumados a conversar com ele, informou ao mencionado testador o conteúdo e efeitos do mencionado testamento.

- 42 O Sr. J.P. Wilde concedeu a moção.
- 43 Os surdos-mudos geralmente expressam passado e futuro de forma concreta ou por meio de implicação. Para falar “eu estive doente” ele pode transmitir a ideia de que estava doente aparentando assim estar, apertando as bochechas com os dedos para dar a impressão de uma aparência doentia, colocando a mão na cabeça, etc; ele pode mostrar que isso ocorreu “há um dia”, “há uma semana”, isto é, ontem ou na semana passada e então ele pode dizer que está indo para a casa “uma semana para frente”. Que ele por si mesmo construiria o passado ou futuro abstrato, como o quer Abade Sicard, jogando as mãos para trás ou para frente, sem especificar um período determinado, não tenho condições de afirmar. A dificuldade pode ser evitada sinalizando “meu irmão doente acabou” para sinalizar “meu irmão estava doente”, inferindo que a doença é algo que acabou, já se foi. Ou a expressão facial e gestual pode muitas vezes dizer o que se quer. A expressão com a qual o sinal para jantar é feito pode indicar se o falante já jantou ou vai jantar. Quando qualquer coisa agradável ou dolorosa é mencionada pelos sinais, o olhar irá geralmente transmitir a distinção entre a lembrança do que passou e a antecipação do que virá.

- 44 Embora o surdo-mudo tenha, tanto quanto nós, ideia da relação entre causa e efeito, ele não tem, em minha opinião, um meio direto de distinguir causa de mera sequência ou simultaneidade, a não ser mostrando, à sua maneira, que dois eventos pertencem um ao outro, o que raramente pode ser descrito em palavras. No entanto, caso perceba que uma explicação mais aprofundada é necessária, ele não tem dificuldades em proporcioná-la. Desse modo, ele expressaria a afirmação de que um homem morreu de bebida dizendo que ele "morreu, bebeu, bebeu, bebeu." Se fosse feita uma pergunta, "morreu, ele?" ele poderia não deixar dúvida sobre a causa respondendo "sim, ele bebeu e bebeu e bebeu". Se ele desejasse dizer que o jardineiro se envenenou, a ordem dos sinais seria "jardineiro morto, remédio ruim bebeu."
- 45 "Fazer" é uma ideia demasiadamente abstrata para o surdo-mudo; para dizer que o alfaiate faz o casaco ou que o carpinteiro faz a mesa, ele representaria o alfaiate costurando o casaco e o carpinteiro serrando e aplainando a mesa. Uma proposição tal como "A chuva torna a terra frutífera" não faria parte da sua maneira de pensar; "chuva cai, plantas crescem" seria a sua expressão pictórica (Steinthal, 1851, p. 923).
- 46 Como um exemplo da estrutura da linguagem gestual, apresento as palavras que correspondem, aproximadamente, aos sinais pelos quais o Pai Nosso é rezado todas as manhãs no Instituto Edinburgh. Elas foram cuidadosamente escritas para mim pelo Diretor e eu fiz anotações dos sinais pelos quais as várias ideias foram expressas na escola. "Pai" é representado na oração como "homem velho", embora em assuntos cotidianos ele seja, geralmente, "o homem que se barbeia"; "nome" é, como eu vi em outro lugar, tocar a testa e imitar a ação de soletrar com os dedos, como se dissesse, "a pessoa que soletra é conhecida por". "Santificado" é "falar bem de" ("bem" sendo expresso pelo polegar, enquanto "mal" é representado pelo dedo mínimo, dois sinais cujos significados estão no contraste do polegar, maior e mais poderoso, em relação ao dedo mínimo, menor e menos importante). "Reino" é demonstrado pelo sinal de "coroa"; "vontade" colocando a mão no estômago, de acordo com a teoria, natural e difundida, de que a vontade e a paixão estão localizadas ali; teoria a qual pertencem expressões tais como "não ter estômago para isso". "Feita" corresponde a "trabalhado", demonstrado por mãos trabalhando. A frase "assim na terra como no céu" era, eu acredito, representada por sinais como "na terra" e "no céu", e depois colocando os dois dedos indicadores lado a lado, o sinal para igualdade e similaridade em todo o mundo, de modo que o todo ficaria "terra na, céu no, igual". "Ofensa" é "fazer o mal"; "perdoai" é apagar, como se apaga uma lousa; "tentação" é pegar pelo casaco, como se fosse levar alguém maliciosamente a cometer uma travessura. A adversativa "mas" é feita com os dois dedos indicadores, não um ao lado do outro tal como em "como", mas opondo uma ponta a outra, como no sinal de Sicard para "contra". "Livrai" é "remover", "glória" é "brilhando", "para sempre" é demonstrado fazendo os indicadores girarem horizontalmente em torno um do outro várias vezes.
- 47 A ordem dos sinais é, em grande parte, como segue: - "Pai nosso, céu no - nome seu santificado - reino seu vir - vontade sua feita - terra na, céu no, assim como. Pão nos dá diariamente - ofensas nossas perdoar nós, deles ofensas contra nós, perdoar, assim como. Tentação cair não - mas mal livrar - reino poder glória seu para sempre.
- 48 Quando anoto em palavras as descrições dos sinais de surdos-mudos, elas me parecem incompletas e fracas. Mas devemos lembrar que só posso anotar seus esqueletos. Vê-las é algo bastante diferente, pois esses ossos secos devem ser recobertos de carne. Não apenas o rosto, mas todo o corpo se une para fazer com que o sinal tenha expressão. E tampouco os olhares e gestos sóbrios a que estamos acostumados em nosso dia-a-dia são suficientes

para isso. Quem quer que converse com os surdos-mudos na linguagem deles deve se desfazer da máscara rígida que os ingleses usam sobre suas faces como se fosse uma máscara trágica e que nunca altera sua expressão, quer o amor ou o ódio, a alegria ou o pesar estejam por trás dela.

- 49 Em muitas escolas para surdos-mudos as cerimônias religiosas são celebradas por meio de sinais. Na Instituição de Berlim, a simples cerimônia luterana, que consiste em uma oração, o evangelho do dia e um sermão, é realizada todas as manhãs de domingo na linguagem gestual para as crianças da escola e para os habitantes surdos-mudos da cidade e é uma visão notável. Não se poderia ver a parábola do homem que deixou as noventa e nove ovelhas em uma região erma e foi atrás daquela que estava perdida, ou a da mulher que perdeu sua única moeda de prata, executadas com expressiva pantomima por um mestre nessa arte, sem reconhecer que, para contar uma história simples e fazer comentários simples sobre ela, a língua falada fica muito aquém da atuação. A narrativa falada perde, necessariamente, a ansiedade súbita do pastor ao contar seu rebanho e descobrir que está faltando uma ovelha, o confinamento apressado das outras, sua corrida morro acima e vale abaixo, seus olhares para trás e para frente, o alívio em seu rosto quando ele avista a ovelha perdida à distância, o ato de carregá-la para casa em seus braços, abraçando-a ao andar. Ouvimos essas histórias serem lidas como se fossem listas de gerações de patriarcas antediluvianos. A pantomima dos surdos-mudos evoca à mente a “ação, ação, ação!” de Demóstenes.

BIBLIOGRAPHY

- BONET, Juan Pablo. *Reduction de las letras y arte para enseñar á ablar los mudos*. Madrid: [s.n]. 1620.
- BRIDGMAN, Laura. *Account of Laura Bridgman, a blind deaf and dumb girl. With brief notices of three other blind mutes*. London: J. Wright. 1845.
- HEINICKE, Samuel. *Beobachtungen über stumme und über die menschliche sprache*. Hamburg: [s.n]. 1778.
- KRUSE, Otto Friedrich. *Ueber taubstummen*. Schleswig: [s.n]. 1853.
- LUCRETIUS. *De rerum natura*, V. [S.l.:s.n].
- SCHMALZ, Edward. *Ueber die taubstummen und ihre bildung*. Dresden und Leipzig: In der Arnoldischen Buchhandlung. 1848.
- SCOTT, W. *The deaf and dumb*. London: Bell and Daldy. 1844.
- SICARD, Roch-Ambroise Cucurron. *Cours d’instruction d’un sourd-muet de naissance*. Paris: [s.n]. 1800.
- SICARD, Roch-Ambroise Cucurron. *Théorie des signs pour l’instruction des sourds-muets*. Vol. II. Paris: Imprimerie de l’instruction des sourds-muets. 1808.

STEINTHAL. Heymann. Über die sprache der taubstummen. In: PRUTZ, Robert und WOLFSOHN, Wilhelm. Zeitschrift für literatur, kunst und öffentliches leben. Leipzig: Deutsches Museum. 1851. p. 904-925.

NOTES

1. "Portanto, é preciso escolher um surdo-mudo de nascença, para que seus gestos sejam ingenuamente proféticos, não falsos, nem fingidos e nem simulados".
2. "Se os "dialetos" das diferentes instituições dos surdos-mudos receberam qualquer proporção considerável de sinais naturais uns dos outros como, por exemplo, pela difusão do sistema de ensino de Paris, nada posso afirmar; mas há tanto em cada um deles que difere dos demais em detalhes, embora não em princípio, que eles podem, penso, ser considerados praticamente independentes, exceto no que diz respeito aos sinais gramaticais".
3. "... e assim vemos / os meninos serem empurrados ao gesto por sua incapacidade de lidar com a língua / o que os faz apontar o dedo aos objetos presentes".
4. Uma distinção realmente possível aparece em "lábio", e "vermelho" (p. 3).
5. Mantivemos as expressões utilizadas no texto original para explicitar as diferenças de sintaxe entre o inglês e a linguagem gestual considerada (N.T.).
6. Um caso semelhante: "Jacket Oliver give mother" (Bridgman, 1845, p. 157).